Construir uma escola: comentário à primeira sessão dos Encontros de Tomar IV

Autor(es): Moniz, Gonçalo Canto

Publicado por: Editorial do Departamento de Arquitectura

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/37439>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0874-6168_2_8

Accessed : 26-Apr-2023 14:48:08

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

ecdj

2

fctuc | departamento de arquitectura

10 anos de arquitectura no colégio das artes

construir uma escola

tape

encontros de tomar 4

alexandre alves costa vs gonçalo byrne

paulo mendes da rocha

março 2000

[construir uma escola_comentário à primeira sessão dos encontros de tomar IV]

gonçalo canto moniz

Este texto é um comentário crítico à primeira sessão dos Encontros de Tomar IV, realizados a 27 de Maio de 1999 em Coimbra, a partir das comunicações apresentadas por Mario Krüger, Paulo Varela Gomes, Gonçalo Byrne e pelo NUDA (Núcleo de Estudantes de Arquitectura). A sua manipulação livre é, também, a tentativa de construir (um discurso sobre) uma escola.

(1) "Encontros de Tomar, primeiro encontro sobre o ensino da arquitectura na Universidade de Coimbra", Comissão Organizadora, Edição, 1997

- *reEncontrar Tomar*
- Os anteriores Encontros de Tomar procuraram "o estabelecimento de uma estratégia que nos fortalecesse como corpo"⁽¹⁾, reflectindo sobre a estrutura vertical e horizontal do Plano de Estudos e corrigindo passo a passo, ou encontro a encontro, o modelo tecnológico pelo modelo humanístico/artístico numa aproximação evidente ao modelo da Escola do Porto.
- Os últimos dez anos confirmaram que a diversidade disciplinar na área tecnológica e a dispersão do curso pela Universidade não corresponde na prática a uma nova via de ensino da arquitectura e que a inter-relação disciplinar só foi possível quando as disciplinas exteriores à arquitectura se aproximaram do Colégio das Artes.
- Na última sessão dos Encontros de Tomar III foi encontrado, após aprovação do actual plano de estudos, uma espécie de *grau zero* do Curso de Arquitectura de Coimbra estando assim criadas as condições para construir no terreno uma Escola de Coimbra infiltrada na Universidade e atenta à contemporaneidade.

- > *"Um dia de debate"*
- > Para os Encontros de Tomar IV, coincidentes com os dez anos do Curso de Arquitectura de Coimbra, "o desafio a empreender é o da construção de um modelo de ensino que compatibilize aquilo que são as metodologias perenes do saber arquitectónico, e os desafios que se colocam já como presenças do futuro"⁽²⁾.
- > A refundação do ensino da arquitectura terá de assentar em duas vertentes: a primeira deverá procurar naquilo que está antes e depois do curso a sua própria especificidade e o seu lugar nas escolas de arquitectura, a segunda terá de "discutir o Projecto, o conteúdo e a cultura da espinha dorsal do curso"⁽³⁾. Por outro lado, a discussão sobre as questões institucionais e administrativas estarão sempre presentes procurando corrigir e autonomizar a *máquina*.

1. Sobre o que está antes e depois

- > As articulações dos cursos de arquitectura com o ensino secundário e com a profissão são as questões em aberto, carentes de discussão e com falta de modelos. Diversas situações têm obrigado os cursos de arquitectura a reestruturarem e a acertarem estratégias comuns para o acesso à Universidade, para a Prova Final de licenciatura, para os Centros de Estudos e para as pós-graduações.
- > Procuram-se denominadores comuns, plataformas mínimas que permitam após uniformizar a qualidade, explorar a diversidade e apostar na excelência como única forma responsável de "moldar" arquitectos.
- > *O acesso*
- > Depois dos exames de aptidão, da prova geral de acesso (PGA), das provas específicas e das domésticas entrevistas na FAUP, os cursos de arquitectura procuram um modelo comum que garanta o ingresso de estudantes melhor habilitados e com um perfil de potencial arquitecto procurando estabelecer uma articulação entre o conhecimento adquirido no ensino secundário e os requisitos do ensino superior.
- > Mário Krüger, na sua comunicação, define o modelo proposto pelos cursos de arquitectura das Universidades Públicas de *Mutatis Mutandis* (Mudando o que tem de Ser Mudado). Propõe, de acordo com o decreto-lei nº296-A/98, que a nota de acesso seja uma percentagem de 50% para as disciplinas nucleares do secundário Matemática ou Geometria Descritiva e, também de 50% para a Prova Nacional de Ingresso (PNI).
- > "A PNI terá a forma de desenho à vista ou de imaginação, de elaboração de textos interpretativos de imagens bem como de simulação de contextos projectuais elementares, de especulação compositiva sobre elementos formais dados ou, ainda, de aplicação de sistemas de representação a casos concretos"⁽⁴⁾.
- > Os alunos através do NUDA, no texto apresentado aos Encontros, questionam o actual

(2)Figueira, Jorge "Algumas premissas para um dia de debate", 1999.
 (3)Gomes, Paulo Varela. Intervenção em Encontros de Tomar IV, 1999.
 (4)Krüger, Mário, "Uma autobiografia prospectiva" em Encontros de Tomar IV, 1999.

- sistema de ingresso defendendo critérios de exigência na selecção dos alunos e professores:
- > "O actual sistema, baseado numa prova de Matemática e noutra de Geometria, está claramente desadequado dos objectivos do curso e da sua prática diária. Não nos parece útil decidir aqui se a prova de desenho ou de filosofia seria mais adequada. Porque não falar de uma seriação baseada em entrevistas ou em discussão de portefólios?... acreditamos que a escolha acertada dos alunos e dos professores é essencial para o futuro potencial e criativo de uma escola".
 - > A ambição desta prova deverá gerar algumas preocupações às disciplinas do ensino secundário da área de Artes uma vez que as características que se exigem na PNI não são intrínsecas ao aluno mas precisam de ser desenvolvidas. Os critérios de avaliação deverão ser rigorosos e objectivos uma vez que nos propomos avaliar áreas do conhecimento subjectivas e moveáveis.
 - > Este modelo retoma a questão da Matemática na sua relação com os cursos de arquitectura colocando-a definitivamente fora do plano de estudos como disciplina autónoma mas garantindo o seu lugar na base da preparação do aluno para a Universidade conferindo-lhe um conhecimento e uma capacidade de raciocínio a relacionar e a integrar nas disciplinas universitárias. A Matemática "deve ser um esquema mental"⁽⁵⁾.
 - > O ensino secundário pedagogicamente convencional e hierarquizado não desenvolve cruzamentos entre as disciplinas base e as específicas. Para conseguirmos PNI's, entrevistas ou portefólios é necessário estimular o conhecimento não como "bagagem" informativa mas como matérias de construção de um Corpo desejoso de manipular e relacionar pela Criatividade e pela Razão um universo fragmentado de objectos.
 - > *A saída*
 - > "Regulamentar os estágios de profissionalização organizados pela Ordem e participar na sua avaliação."
 - > A alínea m) do artigo 3º dos estatutos da recém criada Ordem dos Arquitectos é responsável por um debate real sobre as saídas dos cursos de arquitectura e consequentemente sobre as provas finais de licenciatura, sobre os estágios profissionais e sobre as pós-graduações. A articulação entre a licenciatura e a profissão tem, actualmente, vários cenários, de acordo com os diferentes cursos públicos e privados, representativos da diversidade de critérios com que se avalia a formação académica daqueles que constroem o nosso território.
 - > Este estágio que a Ordem propõe obriga a repensar a formação académica e introduz de uma forma institucional uma formação profissional como garante mínimo das aptidões dos estagiários à profissão de Arquitecto. Este papel, que até aqui estava atribuído aos cursos de arquitectura, representará a desvalorização destes por parte da OA, motivada pela dificuldade em controlar a qualidade dos cursos privados? Terá a OA condições para formar e avaliar os seus estagiários?
 - > Gonçalo Byrne, na sua intervenção, defende que ensino não pode perder a ligação à profissão podendo esta ideia ser levada ao extremo de integrar o estágio profissional no interior do curso

tal como o propõe a Escola de Arquitectura de Mendrisio, fundada por Mario Botta, onde o estágio se realiza no 2ºano confrontando o aluno com a formação disciplinar na perspectiva da profissionalização.

- > Para o curso de arquitectura de Coimbra, Mário Krüger sugere três modelos possíveis para substituir o actual modelo *De Jure*:
- > 1. *Nil Novi Sub Sole* - o aluno faz a Prova Final e o estágio tal como a OA o venha a definir.
- > 2. *More Majorum* - o aluno faz a Prova Final redesenhada e inscreve-se no estágio da OA ou em cursos de pós-graduação.
- > 3. *Mutatis Mutandis* a Prova Final desaparece, o aluno termina o curso no final do 5ºano e inscreve-se no estágio da OA ou em cursos de pós-graduação.
- > O modelo *More Majorum* cumpre, por um lado, a directiva 85/384/CEE que obrigou à criação da prova e, por outro lado, responde ao estágio profissional da OA. Mário Krüger, numa perspectiva realista e de continuidade, propõe requalificar o ensino da arquitectura com a Prova Final, a *especialização* profissional através do estágio na OA e o aprofundamento académico através de pós-graduações.
- > Sobre este modelo Gonçalo Byrne clarifica, ainda, que “a Prova Final não pode substituir o estágio. A Prova é um exercício de maturidade em termos profissionais enquanto que o estágio é a iniciação à actividade exercida em condições reais. O estágio deve fazer parte da formação”.

> A Prova Final

- > A Prova Final é a alternativa teórica e aprofundada do tradicional relatório de estágio final de curso e à qual o Curso de Arquitectura de Coimbra recorreu e potenciou enquanto elemento de avaliação do arquitecto que se propõe formar. A Prova é, também, um espaço interdisciplinar onde o centro é por direito próprio a arquitectura e onde a Escola permite “aos alunos escolher vários caminhos e várias abordagens à arquitectura, encarada de facto como matéria de múltiplas disciplinas e direcções”⁽⁶⁾.
- > Se alguma especificidade a escola de Coimbra já parece ter ela decorre do carácter teórico que a prova introduz por oposição ao carácter prático de um plano de estudos apoiado no Projecto. Esta dualidade que se pretende complementar na tentativa de construir um arquitecto que projecte um discurso sobre a arquitectura, uma vez que esta hoje não existe sem pensamento, sem fundamento.

- > A Prova Final tornou-se processualmente complexa revelando ambiguidades nas orientações, sobrevalorização do seu peso na média ponderada do curso, dificuldade de limitação do tema a desenvolver e o estrangulamento das percentagens de alunos formados.
- > Por outro lado, Mário Krüger sugere que ao nível dos conteúdos haja uma maior contaminação do Projecto nesta disciplina claramente teórica procurando reduzir o tempo de elaboração da Prova e reformulando as disciplinas de Projecto no sentido de uma sobreposição entre a teoria e

a prática.

- O actual modelo de seminários procura novos contornos para a Prova Final. Estes terão que funcionar como uma disciplina “normal”, com um professor, com matéria científico/pedagógica, com calendário de actividade e com um regulamento mais rigoroso.

2. Sobre o Projecto

- “A licenciatura de arquitectura deve ter uma perspectiva de profissionalização:
- 1. O arquitecto é um generalista
- 2. A actividade central da arquitectura e do arquitecto é o Projecto.
- 3. O Projecto é gerido com base numa convergência de transdisciplinariedade”
- Gonçalo Byrne propõe com estes três vectores recentrar a discussão da Escola a partir do seu interior, ou seja, a partir do Projecto.
- A transdisciplinaridade do Projecto de Arquitectura é, hoje, numa sociedade globalizante condição imprescindível à legitimação da arquitectura. O arquitecto trabalhando *com o que existe e com o que não existe* ⁽⁷⁾ é um generalista que coordena e escolhe diversos saberes na fundamentação e no desenho dos contornos do Projecto.
- Os instrumentos de fazer Projecto o desenho, a maquete e o computador de nada lhe servirão se o arquitecto não souber o que fazer com eles.
- A problematização da arquitectura, ou intelectualização no sentido da não-habilidade, parece ser a única resposta à diversidade estilística, ao poder da imagem, à cidade genérica e à globalização. O Projecto não pode, assim, ficar amarrado às convenções assistindo ao espectáculo da contemporaneidade.
- A cultura arquitectónica fragmentada e eclética invade o Projecto desvalorizando as ideologias e estimulando a manipulação de arquitecturas.
- A teoria da arquitectura, área científica do Projecto, encontra na disciplina de Projecto o seu lugar natural densificando a prática, analisando o real, sintetizando a História e especulando sobre o virtual.
- Le Corbusier aprendeu e ensinou arquitectura através do Projecto não pragmaticamente mas desenvolvendo uma postura *interrogativa* no Projecto atenta à evolução dos princípios e conceitos da arquitectura e da sociedade:
- “Se eu tivesse que ensinar-lhes arquitectura? É uma pergunta embaraçosa...
- Começaria por proibir as “ordens”... Por outro lado, contaria aos meus alunos como são comovedoras as coisas na Acrópole de Atenas cuja sublime grandeza compreenderiam mais tarde. Enfatizaria o facto de que a nobreza, a pureza, a percepção intelectual, a beleza plástica e a eterna qualidade da proporção são as questões fundamentais da arquitectura e que podem ser entendidos por todos.
- Trataria de incutir aos meus alunos um sentido preciso de controlo, de juízo imparcial e do “como” e do “porquê”.

(7) Figueira, Jorge. “Cadeia: Projecto”, “Encontros de Iomar”, primeiro encontro sobre o ensino da arquitectura na Universidade de Coimbra, Comissão Organizadora, Edaq, 1997.

- > Os factos são fluidos e alteráveis, especialmente hoje em dia, assim ensinaria a desconfiar das fórmulas e trataria de lhes fazer entender que todo é relativo⁽⁸⁾.

3. Sobre a *máquina*

- > "Temos um curso com uma duração limitada e um plano de estudos claramente definido, inserido numa Universidade que tem a obrigação de formar milhares de profissionais por ano. Neste contexto, comum a todo o ensino universitário da época em que vivemos, torna-se forçoso que uma escola seja uma máquina de ensinar. Estamos convictos que a ideia da máquina não implica um ensino frio e burocrático. Implica sim um funcionamento regular e sereno, constante e estabilizado; estruturado e estruturante.
- > Uma máquina não é castrante, é uma forma de nos concentrarmos no essencial. É urgente a base sólida que permita a excepção, as explosões no claustro.
- > Só o funcionamento perfeito da máquina nos permitirá ir resolutamente mais longe e não atender às fraquezas, vícios e processos que entorpecem. Reclamamos mais que tudo a regularização de um processo de que não haja sacrificados, uma outra solidez. Um outro optimismo e franqueza na constituição do edifício⁽⁹⁾.
- > Gonçalo Byrne fala-nos da urgência em qualificar a *máquina* como espaço de ensino. A qualidade do espaço, tema central da Arquitectura, influência directamente no rendimento de funcionários, alunos e professores. É neste sentido compreensível a estratégia do Darq apresentada no plano de instalações para o Colégio das Artes como forma de garantir o mínimo de condições até à passagem da Arquitectura para o Colégio de S. Jerónimo.
- > Gonçalo Byrne introduz ainda uma reflexão sobre o que chama de "espaço de ensino do Projecto" que deverá garantir, por um lado, a instalação e fixação do local de trabalho do aluno, uma espécie de mini-atelier que servirá o Projecto e as restantes actividades do aluno. Por outro lado, a sala deve conter o "espaço de apresentação do Projecto" com uma área para fixação de painéis e com um podium para fazer apresentações directas e frontais para um júri constituído pelo professor, pelos assistentes e por convidados que possam introduzir novos diálogos.
- > Paulo Varela Gomes consciente do momento transitório que o curso atravessa abandona a sua intervenção (aqui publicada) e centra-se na questão do reforço institucional e na autonomia do departamento face à Faculdade como única via para garantir a qualidade do ensino da arquitectura em Coimbra. A *máquina*, de que fala o NUDA, denuncia eventualmente vícios e dificuldades administrativas, científicas e, por consequência, pedagógicas que provêm do estrangulamento a que o curso é submetido pelos órgãos superiores da Faculdade.
- > Como se referiu no início, o curso demorou 10 anos a atingir uma espécie de grau zero, base necessária para agora potenciar a excepção e a excelência desejada.